**AS MULHERES NO CRISTIANISMO ORIGINÁRIO**

Autor: Ailton de Souza Gonçalves

Coautora: Neusa Valadares Siqueira

Mestrandos em Ciências Da Religião PUC-GO

**Resumo**

Este artigo tem o objetivo de apresentar inicialmente a situação que a mulher enfrentava nas sociedades androcêntricas, localizada no mundo greco-romano e palestinense, apontando as dimensões de dependência, ruptura e contradições existentes. E revelar a partir dos escritos gnósticos o papel que Maria Madalena desempenhava como liderança no cristianismo primitivo, fazendo uma correlação para reflexões cristãs modernas.

**Palavras-chave:** Mulher – cristianismo primitivo – apócrifos – gnosticismo.

**Abtract:** This article aims to initially present the situation that women faced in societies androcentric, located in the Greco-Roman and Palestinian, indicating the dimensions of dependency, break and contradictions. And reveal the Gnostic writings from the role played Mary Magdalene in early Christianity as leadership, making a correlation to modern Christian reflections.

**Keywords*:*** Women - Early Christianity - apocryphal - Gnosticism.

Falar do cristianismo primitivo, muitas vezes nos leva a uma imagem construída pelo papel que Constantino teve no inicio do século III e IV. Mas, resgatando sua origem compreendemos que não aconteceu uniformemente, com apenas uma estrutura institucional e um corpo doutrinal e uma diversidade posterior. A diversidade era freqüente e com tendências variadas, de onde surgiram modelos diversificados de igreja.

O historiador Flávio Josefo comenta que entre os anos 30 e 70 d.C. havia diversos movimentos populares, proféticos e messiânicos. O cristianismo nasceu em diversos centros (policêntrico) onde se organizou e difundiu com uma variedade de movimentos independentes. Um desses movimentos foi o gnosticismo, que surgiu no I século d.C. Os gnósticos acreditavam na presença divina em cada pessoa e por isso, não aceitavam instituição formada pelo ser humano. Para eles, a mediação eclesiástica não era necessária para relacionar-se com Deus. No gnosticismo a mulher tinha participação e total liderança. Contudo o Cristianismo Oficial mantinha sua postura excludente.

As relações de gênero são construídas a partir das diferenças sexuais, portanto, não são naturais. São criações das sociedades. Sendo gênero uma construção social ele não se apresenta sempre do mesmo jeito em todas as épocas e lugares. Depende dos costumes de cada lugar e sociedade, da experiência cotidiana das pessoas deste lugar, variando de acordo com as leis, as religiões a maneira de organizar a vida familiar, a vida política de cada povo ao longo da história.

A vida das mulheres no mundo greco-romano e palestinense no período entre 200a.C. e 200 d.C.. As mulheres que fizeram parte dessas sociedades foram marcadas pela submissão na sociedade e família. Viviam reclusas em suas casas, não eram consideradas cidadãs, não participavam dos assuntos da *pólis* e *ekklesia*. Em suas famílias dependiam do pai, do marido e depois do filho mais velho. Nas celebrações religiosas elas tinham a liberdade de participar da vida fora do *oikos*, isso na sociedade greco-romana.

Segundo Joseph Campbell os hebreus foram os primeiros a usar o termo pai para denominar o que até então era a Deusa Mãe ou mãe terra, a divindade da religião entre os antigos que cultuava as mulheres. Ainda segundo Campbell, a convenção do termo entre os hebreus teria origem nas constantes perseguições religiosas e no desterramento que isso acarretava, ocasionando a perda identidade territoria.

Evidenciamos a vida das mulheres na sociedade greco-romana e palestinense e a importância do papel da mulher para a continuidade da mensagem do Reino. Além disso, encontramos no cristianismo primitivo, mulheres que desempenharam a mesma função, mas a que tradição tentou calar nos séculos seguintes.

As sociedades antigas estavam marcadas pela pertença de uma pessoa ao gênero masculino e feminino. Às diferentes atribuições de papéis e competências a homens e mulheres correspondiam atributos estereotipados de gênero que estavam associados a valores orientados e supostamente expressa “qualidades” tipicamente masculinas ou femininas: homens – fortes, corajosos, generosos, contidos, racionais, controlados; mulheres – fracas, medrosas, mesquinhas, tagarelas, irracionais/emocionais, descontroladas.

No “Cristianismo primitivo” existiam diferenças particulares de cultura e etnia. E um só poder que se estendia a todos vivia a realidade do sistema da Pax Romana. Não é pacífico o entendimento desta Pax Romana, havia problemas internos e externos. Em todo o sec. II haviam movimentos (a partir) de mulheres. Mulheres não apenas fazem parte, mas são lideranças reconhecidas e respeitadas em comunidades. Estão sujeitas a inquisições romanas que incluem tortura e morte, com elucida Plínio o Jovem: menciona duas diáconas (são escravas). O objetivo era fazer as pessoas cristãs negarem sua fé e prestarem culto de adoração ao imperador. As igrejas nos inícios do sec. II vem sofrendo processo de hierarquização patriarcal das funções eclesiais.

Com a pregação de igualdade de gênero no Cristianismo originário por Jesus, onde o mesmo fala com mulheres em público e tem as irmãs, Marta e Maria como suas maiores amigas, a condição da mulher é modificada. Para divulgação do seu movimento Jesus conta com as mulheres e também com a ajuda dos recursos dessas mulheres

A participação de mulheres na missão é facilmente compreensível a partir da importância da casa para a propagação da fé em Cristo e a edificação de comunidades crentes em Cristo. As “igrejas domésticas” ou “igrejas que se reúnem na casa”, são comuns também nesta época. Nessas casas, pessoas se reúnem para partilhar Palavra e Sacramento, para edificação pessoal e comunitária. Sentem acolhidas como pessoas igualadas. Ela só poderia ter um papel ativo na Igreja, se esta funcionasse no interior das casas. Ora, as comunidades fundadas neste segundo período se reuniam não em lugares públicos, mas sim nas casas do povo: na casa de Priscila e Aquila, na casa de Filêmon e Ápia; na casa de Ninfa em Laodicéia; nas casas de Pilólogo e Júlia, Nereu e sua irmã e de Olimpas. A criação de “igrejas domésticas” possibilitou maior influência e participação da mulher (Ribla 22,p. 41).

Mulheres citadas no evangelho

At 16,15-34; 18,3.7- Paulo teve ajuda dos companheiros de viagem, mulheres e homens que o acolhiam em suas casas.

At 18,1-4; Priscila e Aquila que contribuíram para a criação da comunidade. Rm 16,1-16- homens e mulheres que trabalhavam no anúncio da Boa-Nova e na coordenação das comunidades. Estas afirmações mostram que as mulheres ocupavam funções importantes na vida e na organização das primeiras comunidades. Pois o novo testamento fala com toda naturalidade de mulheres que são discípulas (At 9,36), diaconisas ( Rm 16,1), colaboradoras em Jesus Cristo (Rm 16,3), companheiras ou apóstolas ( Rm16,7), que se afadigam pelos outros (Rm 16,2.3.6.12) (Ribla 22, p. 41). Febe- diácona na igreja de Cencréia e protetora e (patrona), Júnia- apóstola, Priscila- colaboradora; igreja em sua casa; Maria, trifena, Trifosa, Pérside- muito trabalharam no Senhor.

Funções de liderança de mulheres

Apóstola única mulher designada com este título é Júnias (Rm 16.7).Ele a caracteriza de fato como uma enviada legitimada por uma aparição Cristo ressuscitado. Cooperadoras- Paulo circunscreve como encarregadas de Deus na ‘obra’ comum da proclamação missionária. Diáconas - em Rm16.1 Paulo recomenda uma certa Febe à comunidade romana.

A solidariedade que brota de mulheres a partir de experiências comuns de opressão (o perigo da perseguição/arena, a coisificação sexual) é tão forte que vai transformando barreiras anteriores ( a riqueza de Trifena) em rampas de acesso na luta e na conquista de uma vida mais digna ( ribla 22, p. 50).

Priscila era peregrina, mas vivia temporariamente como sedentária. Sua peregrinação se dava por causa de perseguições (At 18,2) e sem dúvida também por causa de seu trabalho profissional e missionário. Nos lugares onde “baixavam sua tenda”, trabalhavam na confecção de tendas e formavam pequenas comunidades judaico-cristãs, reunindo-se em sua casa para celebrações de culto. É o que se chama de “igreja doméstica”, na qual Priscila, e não Áquila, “puxava a frente” ( ribla 22, p.58).

As mulheres desde o cristianismo primitivo desempenharam o seu papel na missão, como discípula, diaconisa, apóstola, sempre encontraram dificuldades tendo em vista os dogmas criados pelas instituições com o objetivo de apagar a sua força diante da sociedade. Inicialmente a mulher viveu subjugada e com isso colaborou para o movimento de Jesus que pregava a igualdade, sua força foi importante para divulgação.

Evidenciamos a vida das mulheres na sociedade greco-romana e palestinense e a importância do papel de Maria Madalena para a continuidade da mensagem do Reino. Além disso, encontramos no cristianismo primitivo, outras mulheres que desempenharam a mesma função, mas a que tradição tentou calar nos séculos seguintes, mas que prevaleceu e chegou até nós. Com a chegada da igreja institucionalizada as mulheres foram caladas aos poucos. Entretanto, evidenciamos aqui a luta de outras mulheres ao longo desses séculos contra esse silêncio forçado, exemplos para as mulheres do século XXI.

Como seres criados por Deus, como Adam nós refletimos Sua imagem. Nesse sentido, Deus, não vê a humanidade em níveis diferentes. Ele aceita as mulheres e os homens como pessoas, como indivíduos responsáveis, com necessidades próprias, com fracassos e com os dons do Espírito. A identidade do ser humano é formada nas relações com outros seres humanos. Portanto, compreendemos homens e mulheres possam compartilhar a imago Dei, servindo juntos em todos os aspectos da vida e na igreja, principalmente na missão, que é um cumprimento daquilo que foi estabelecido por Deus, a partir do chamado à vocação pastoral.

As mulheres desde o cristianismo primitivo desempenham o seu papel na missão, como discípula, diaconisa, apóstola, mas tem encontrado dificuldades devido aos dogmas institucionais. Chegamos ao século XXI e a condição de vida da mulher evoluiu, ela conquistou novos espaços, e pôde exprimir suas idéias e ser ouvida. É importante que a igreja seja um lugar de convivência entre homens e mulheres, onde a identidade do Adam seja preservada e respeitada.

O modelo de sociedade que vivenciamos onde não se valorizava a mulher ultrapassou XXI séculos. Onde prevalece o domínio do homem sobre a mulher, deixando de lado a valorização mútua da relação de ser humano. Em igrejas onde o ministério pastoral abriu-se para mulheres e homens, o grande desafio é vivenciar a proporcionalidade, da relação mútua e igualitária de poder. Para que ocorra é preciso tempo, conhecimento, educação, re-educação, informação de homens e mulheres, nas comunidades onde estamos ou estaremos presentes.

**Referências bibliográficas**

BENTLEY, Layton. As escrituras Gnósticas. Trad. Margarida Oliva. Edições Loyola, 2002. 550p.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.

DEWEY, Joanna. Das Histórias Orais ao Texto Escrito. In: Concilium. Nº 276, 1988. 27-37p.

FARIA, Jacir de Freitas. A vida secreta dos apóstolos e apóstolas à luz dos Atos dos Apócrifos. Petrópolis: Vozes, 2005. 326p.

GARCIA, Paulo Roberto. O sábado do Senhor teu Deus: o Evangelho de Mateus no espectro dos movimentos judaicos do I Século. Doutorado - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. São Bernardo do Campo, 2001. 226p.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 18ª ed. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2005. 117p.

MOLTMANN, Jürgen. A Fonte Da Vida: O Espírito Santo e a teologia da vida. Trad. Werner Fuchs. Edições Loyolas, 2002. 147p.

REIMER, R. Ivoni. Lembrar, transmitir, agir: mulheres nos inícios do cristianismo. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Petrópolis: 179p.

RICHARD, Plabo. As diversas origens do cristianismo: Uma visão de conjunto (30-70 d.C.). Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, 1995. p. 7-21.

SEBASTIANI, Lilia. Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 246p.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. História do proto-cristianismo. Trad. Nélio Schneider. São Paulo, RS: Sinodal/Paulus, 2004. 596p.

STRÖHER, Marga. J. A igreja na casa dela: papel religioso das mulheres no mundo grego-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG, 1996. 34p.

PAULA, Blanches de. Vocação e Identidade. In: Vocação Pastoral Em Debate. EDITEO. 2005, 221p.

ZAIDMANN, Louise Bruit. As filhas de Pandora: mulheres e rituais nas cidades. In: DUBY, George & PERROT, Michele (org). História das mulheres no Ocidente. Vol. 1. Porto/ São Paulo: Afrontamento/EBRADIL, 1990. 612p.